



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
REFLEXÕES E PRÁTICAS DAS PROFESSORAS.**

**LEILA SILVA BEZERRA  
MICHELE DA SILVA ARAÚJO**

**JOÃO PESSOA – PB 2017**

LEILA SILVA BEZERRA  
MICHELE DA SILVA ARAÚJO

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
REFLEXÕES E PRÁTICAS DAS PROFESSORAS.**

Trabalho de Curso submetido à  
Universidade Federal da Paraíba como parte  
requisito parcial para a obtenção em  
licenciatura em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA - PB

2017

B574r Bezerra, Leila Silva.

Relações de gênero na educação infantil: reflexões e práticas das professoras / Leila Silva Bezerra, Michele da Silva Araújo. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
36f.

Orientadora: Jeane Félix da Silva  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação infantil. 2. Gênero. 3. Professoras. I. Araújo, Michele da Silva. II. Título.

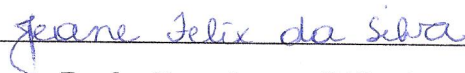
UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

LEILA SILVA BEZERRA  
MICHELE DA SILVA ARAÚJO

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
REFLEXÕES E PRÁTICAS DAS PROFESSORAS.

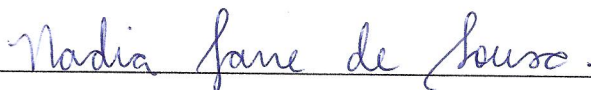
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

Orientadora

UFPB/CE/DHP



Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa

Examinadora

UFPB/CE/DHP



Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda

Examinador

UFPB/CE/DME

*Dedicamos este trabalho a todos e todas  
que contribuíram direta ou indiretamente em  
nossa formação acadêmica.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todas as pessoas, familiares e amigos, que nos ajudaram no desenvolvimento deste trabalho, mesmo que indiretamente, com o apoio e paciência ao ouvir nossas dúvidas e aflições.

A nossa orientadora, Jeane Félix, pela dedicação e paciência nos atendimentos.

As professoras entrevistadas, pela disponibilidade e atenção em fornecer as informações necessárias para a realização deste trabalho.

A Deus pela vida, bênção e proteção.

.

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso tem como tema **RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES E PRÁTICAS DAS PROFESSORAS**.

Este trabalho tem como objetivo: a) analisar como as professoras de educação infantil da creche localizada no município de Bayeux lidam com as questões de gênero junto a suas crianças: b) observar como estão sendo trabalhadas as questões de gênero nas salas de referências dessas professoras. Para isso, foram registradas algumas memórias sobre as construções de gênero das autoras e foram realizadas entrevistas com as três professoras de uma creche, localizada no município de Bayeux/PB. Os dados da pesquisa apontam que as professoras, apesar de indicarem não fazer diferenciação de gênero nas suas atividades, na prática, esperam que meninas e meninos se comportem de formas diferentes. Elas reforçam o discurso de que as meninas são mais atentas e comportadas e os meninos são mais agitados e prestam pouca atenção nas aulas. Concluímos que é importante abordar questões de gênero na formação docente e nas práticas educativas com crianças, na perspectiva de construir uma sociedade mais justa para todas as pessoas.

Palavras-chaves: Educação infantil; gênero; professoras.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Memórias de Artur.....	14
QUADRO 2 - Pepapig .....	15
QUADRO 3 - Ballet .....	15
QUADRO 4 - Creche escola .....	17
QUADRO 5 – Dados das professoras.....	18

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	9
<b>3 RELAÇÕES DE GÊNERO NA INFÂNCIA</b> .....	11
3.1 <b>RELAÇÕES DE GÊNERO NA INFÂNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DE NOSSAS EXPERIÊNCIAS</b> .....	11
3.1.1 Lembranças de Leila.....	12
3.1.2 Lembranças de Michele.....	13
3.2 <b>Gênero e infância: reflexões a partir de nossas práticas docentes</b> .....	14
<b>4. GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS?</b> .....	18
<b>4.1 CONHECENDO O CRECHE ESTUDADO</b> .....	18
<b>4.2 O QUE PENSAM AS PROFESSORAS DO CRECHE ESTUDADO SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?</b> .....	21
4.2.1 Para você, há diferenças entre os meninos e as meninas no CRECHE.....	22
4.2.2 Você ensina/cuida de meninos e meninas de formas diferentes? Por que? .....	23
4.2.3 Como você reage quando você vê meninos brincando de boneca e meninas brincando de carrinho? Por quê? .....	24
4.2.4 Para você, o que seria gênero? .....	26
4.2.5 Você já participou de algum processo de formação sobre o tema Gênero? Se sim, qual (quais)? .....	27

4.2.6 Durante o curso de Pedagogia, você teve alguma formação sobre gênero, sexualidade, diversidade? Se sim, isso aconteceu em uma disciplina? Qual? Em um projeto? Evento? Conte-nos um pouco sobre essa formação..... 28

4.2.7 Na sua opinião, seria importante abordar esse tema nas escolas?  
..... 29

4.2.8 Você já presenciou alguma situação relativa às questões de gênero em que precisou intervir? Conte-nos um pouco mais..... 31

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERENCIAS BIBIOGRAFICAS.....</b>	<b>35</b>
<b>APENDÍCE.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) de Pedagogia procura analisar como as professoras de uma creche, do município de Bayeux/Paraíba, lidam com as questões de gênero junto aos seus alunos e alunas, visa, também, observar como estão sendo trabalhadas essas questões nas salas de aula dessas professoras (se as crianças interagem no seu dia a dia e se há separação de brincadeiras, no banho, nos brinquedos para meninos e meninas, por exemplo). Escolhemos a educação infantil para desenvolvermos nossa pesquisa pela identificação que temos com esse nível da educação e, também, por querermos entender o universo infantil no que diz respeito às questões de gênero, já que vivemos em uma sociedade machista que posiciona homens e mulheres em lugares diferentes, segrega e separa.

O tema proposto surgiu através de nossa curiosidade para entender porque há certas divisões, na sociedade e na escola, ao se referir a meninos e meninas. Ao longo de nossa formação no curso de Pedagogia surgiram algumas indagações, tanto porque lembramos de algumas práticas dentro de nosso convívio familiar, em que os afazeres domésticos ainda são vistos como obrigação das mulheres, quanto por percebermos que a universidade também reproduz diferenciação nos espaços destinados às mulheres e aos homens. Dessa curiosidade, nos surgiu a seguinte pergunta: A partir dessa pergunta fomos tendo outras curiosidades e questionamentos e fomos despertando nosso interesse em conhecer mais de perto sobre questões de gênero. Foi esse incômodo que nós fizemos escolher o tema deste TCC e pensar em como, na prática, as questões de gênero são colocadas na educação infantil.

A partir de nossos estágios supervisionados, pudemos observar como gênero é vivenciado nas escolas e percebemos que as próprias escolas reforçam a separação entre meninos e meninas: na hora do banho e das brincadeiras, nas cores dos objetos e materiais escolares (rosa para as meninas e azul para os meninos) etc. Este trabalho tem como objetivo: a) analisar como as professoras de educação infantil da creche localizada no

município de Bayeux lidam com as questões de gênero junto a suas crianças:  
b) observar como estão sendo trabalhadas as questões de gênero nas salas de referências dessas professoras.

Durante o período acadêmico, no Curso de Pedagogia, fomos sendo provocadas a pensar em nossas próprias vivências, como mães, filhas, alunas, professoras. Fomos percebendo que em nosso meio social, desde a infância, as coisas são “depositadas” para ensinar que meninas devem brincar mais de bonecas e ajudar nos afazeres domésticos e os meninos devem brincar de carros e bola. Uma de nós foi criada pela avó e tinha quatro irmãos, com uma pequena diferença de idade, sendo a mais nova entre eles, porém, a que mais trabalhava “como se fosse uma adulta” e quando queria brincar, só era permitido que fosse boneca e de casinha, nada que fosse relacionado a “brincadeiras de meninos” como jogar bola, brincar de carrinhos, baleado, entre outros e caso fugisse das brincadeiras ditas “de menina”, apanhava na frente dos colegas e ficava constrangida.

Muitas lembranças foram surgindo, vários incômodos aparecendo e fomos percebendo que o mundo social nos impõe certos comportamentos e papéis devido aos nossos corpos e ao nosso gênero, sem considerar se achamos certo ou errado, se gostamos ou não. Nesse processo surgiu, em nós duas, o interesse de refletir sobre algumas das indagações que nos ocorriam desde a infância, por não entendermos e aceitarmos certos comportamentos ditos como femininos ou masculinos. Assim, neste TCC, buscamos refletir sobre as questões de gênero na educação infantil e contribuir com a desconstrução desses padrões de gênero que ensinamos, aprendemos e reproduzimos todos os dias, em vários momentos de nosso cotidiano.

No primeiro capítulo iremos falar sobre os caminhos metodológicos que irá trazer, os documentos utilizados para que pudéssemos realizar nossas pesquisas.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Realizamos o TCC por meio de uma pesquisa qualitativa e exploratória, com trabalho de campo. A pesquisa qualitativa, segundo Gil (1999, p. 32), é um tipo de “investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo,”. Ou seja, numa “pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas, e o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo-alvo”. A pesquisa é exploratória, segundo Severino (2007, p. 123), quando procura “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” e também quando busca explicar, “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental”.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida com trabalho de campo. A coleta de dados foi realizada em uma creche<sup>1</sup>, localizado na cidade de Bayeux, no mês de março de 2017. A escolha da creche se deu a partir da relação que uma de nós estabeleceu com a instituição durante estágio supervisionado obrigatório que foi ali desenvolvido. A articulação existente com a escola nos permitiu desenvolver a pesquisa com facilidade, já que conhecíamos a gestora e as professoras. No primeiro momento: fomos a creche conversar com a gestora da instituição, apresentando o tema e os objetivos da pesquisa, solicitando sua autorização para realizar o trabalho de campo. A gestora autorizou a realização da pesquisa e as entrevistas com professoras. Neste mesmo dia, marcamos uma data para fazer as entrevistas.

No segundo momento, levamos o roteiro das entrevistas, o Termo de Autorização para a realização da pesquisa, para ser assinado pela diretora da instituição, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),

---

<sup>1</sup>O nome da creche foi suprimido para proteger a instituição por questões éticas.

esses últimos deveriam ser assinados pela gestora da escola e pelas professoras entrevistadas, respectivamente. As entrevistas foram realizadas no dia 23 de Agosto com três professoras do infantil II, III e IV, no turno da manhã. Optamos por fazer gravações das entrevistas para que não perdêssemos nenhum detalhe do que as professoras falaram. Após a realização das entrevistas, transcrevemos as respostas que foram posteriormente analisadas e descritas neste trabalho.

Além das observações feitas na escola e das entrevistas realizadas com as professoras também trouxemos algumas das lembranças de nossas aprendizagens de gênero (como mulheres e como professoras) para ilustrar as reflexões que fizemos aqui.

No segundo capítulo iremos abordar relações de gênero na infância, as reflexões a partir de nossas experiências, as reflexões a partir de nossas práticas docentes.

### **3. RELAÇÕES DE GÊNERO E INFÂNCIAS**

Gênero é o conceito utilizado pelos estudos feministas para se referir à construção das desigualdades entre homens e mulheres, em processos que quase sempre privilegiam os homens em detrimento das mulheres. Gênero representa a construção do que reconhecemos como masculino e feminino. Segundo Silvana Goellner (2008, p.109), gênero entende-se a condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos.

[...] É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens e mulheres e vice-versa. Ou seja, gênero é construção social e cultural, que vão marcando nossos corpos desde nossa infância quando falamos para o menino não brincar com boneca por ser considerado um brinquedo feminino, e falar para a menina não brincar de bola, por essa brincadeira ser considerada masculina (GOELLNER, 2008, p.109).

Trata-se de um conceito importante porque desnaturaliza lugares socialmente atribuídos a homens e mulheres e todos/as nós, desde muito cedo, somos ensinados/as que há diferentes lugares na sociedade para homens e para mulheres. É sobre isso que falaremos a seguir.

#### **3.1 Relações de gênero na infância: reflexões a partir de nossas experiências**

A infância é a primeira fase de socialização das crianças, momento de diversas aprendizagens, entre elas, as aprendizagens sobre gênero. É na infância que aprendemos que o mundo é dividido entre “coisas de homens” e “coisas de mulheres”, que algumas brincadeiras são permitidas aos meninos e outras às meninas, que cores, roupas, brinquedos, objetos, espaços são divididos e separados para homens e para mulheres. Compreendemos que nenhuma criança deve ser discriminada ou sofrer qualquer tipo de

discriminação em virtude de seu gênero. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de julho de 1990 (BRASIL, 1990):

Art 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, ao seus direitos fundamentais.

Compreendemos, também, que a escola é um dos espaços principais para ensinar às crianças a conviverem com as diversidades e as diferenças; e ensiná-las sobre gênero. O documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - volume 2 (BRASIL, 2009), afirma que por volta dos 5 e 6 anos as questões de gênero ocupam papel central na construção da identidade e que ocorre uma separação espontânea entre meninos e meninas. Assim, passamos a refletir sobre as questões de gênero, iniciando por algumas lembranças de nossas infâncias.

### **3.1.1 Lembranças de Leila**

Tive uma infância bastante conflituosa e muitas vezes desejei ter nascido menino, por achar esse universo feminino desvantajoso, percebia que o fato de ser menina trazia certa desvantagem em relação aos meninos. Fui criada pelos meus avós e vivi em um ambiente totalmente conservador, onde os afazeres domésticos eram vistos como “coisas de mulher”, brincadeiras como jogar bola e correr eram brincadeiras consideradas de meninos. Minhas brincadeiras eram relacionadas ao cuidar da casa, da comida, dos primos, enfim tudo que era relacionado ao cuidar, já que esta representação era (ainda é) vista como papel feminino, então me surgiram algumas indagações: será que meninos ao fazerem tarefas domésticas iriam influenciar em sua sexualidade? Por que meninas não poderiam brincar de bola ou de carrinho? Por que meninos não podem brincar com bonecas? Diante de tudo isso, agora, no final do curso de Pedagogia, procurei entender como as escolas trabalham as questões de gênero, se há separação de brinquedos, brincadeiras, banheiros.

Fiz alguns estudos, pesquisei algumas teses que abordam a questão de gênero, percebi que há vários trabalhos que relatam a questão de gênero mas que estes referem-se ao papel do homem e da mulher. Encontrei pouquíssimos trabalhos que relatam a questão de gênero na infância. Percebi que houve um grande avanço nas questões de gênero, mas há muito que se melhorar, especialmente na infância, onde as crianças começam a se perceber como sujeitos sociais na interação com outras crianças e com os/as adultos/as.

### **3.1.2 Lembranças de Michele**

Desde pequena sempre me interessei por brincadeiras consideradas de meninos. Nunca gostei de brincar de boneca ou de outras brincadeiras que são destinadas às meninas. Nunca gostei de saias ou vestidos, minhas vestes sempre foram calças, *shorts* e blusas de mangas. Enquanto eu era pequena isso não incomodava minha família, mas na medida em que fui crescendo, me tornando “uma moça”, isso começou a incomodar, pelo meu jeito supostamente masculino e por gostar de “brincadeiras de meninos”.

Na escola, sempre gostei de jogar futebol e, muitas vezes, “gazeava” aula para jogar. Com isso, começaram a me chamar de “sapatão”. Isso não me incomodava, apesar de nunca ter me interessado por meninas, meu jeito considerado masculino não estava relacionado a minha orientação sexual. Tenho amigas lésbicas que nunca gostaram de jogar futebol. Ou seja, a associação entre gênero e orientação sexual não é algo tão fixo quanto querem nos ensinar. Lembro-me muito bem que por causa do meu jeito masculino muitas meninas não queriam ter amizade comigo para não dizerem que elas “também eram lésbicas”, mas isso nunca me incomodou, sempre tive a mente aberta.

### 3.2 Gênero e infância: reflexões a partir de nossas práticas docentes

Nos dias atuais, vemos muitas famílias que possuem pensamentos conservadores em relação aos papéis socialmente atribuídos a meninos e meninas. Não é raro observarmos a reprodução da educação doméstica voltada às meninas e a educação pública voltada aos meninos. Em nossas práticas pedagógicas, bem como em nossas próprias famílias, ouvimos algumas mães dizerem que não deixam seus filhos fazerem as tarefas domésticas para não se transformarem em meninas, o que demonstra reprodução acrítica da tradicional divisão de papéis ensinados aos homens e mulheres desde crianças.

Como profissionais atuantes na educação infantil, não temos dúvida sobre nossas escolhas profissionais, temos certeza que contribuiremos da melhor forma possível para educar crianças para a diversidade, sem distinção da raça, cor, gênero e sexualidade. Durante nossas observações nas escolas em que trabalhamos (além das observações feitas na creche estudado), escutamos professoras se referirem à algumas crianças com preconceito. Para ilustrar, trazemos uma cena experimentada na escola por uma de nós.

#### Quadro 1- Cenas de Artur

**Cena 1** – Artur, de 7 anos que faz o 1º ano do fundamental, só brinca com meninas e os brinquedos que leva para a escola são todos femininos. Na escola, as professoras dizem que por ele se identificar com brincadeiras consideradas de meninas, já possui características femininas. A professora de Artur diz que ela tem que ter cuidado, pois seu filho também possui características femininas e que, por isso, não permite que seu filho faça os afazeres domésticos pra “não ficar menina”.

A situação vivenciada por Artur é comum nas escolas em que trabalhamos, nas quais as professoras buscam “corrigir” os meninos que se identificam com brincadeiras femininas, assim como as meninas que gostam

de brincar com brinquedos considerados masculinos. Percebemos, nas brincadeiras das crianças, que, em geral, os meninos não permitem as meninas brincarem de futebol, alegando que as meninas não sabem jogar e que futebol é para meninos. A atribuição do futebol ao universo masculino é algo que tem sido ensinado e reproduzido nas nossas famílias, escolas e na sociedade como um todo. Assim como as bonecas são consideradas brinquedos de meninas. O universo infantil é atravessado por questões de gênero, como é possível perceber na Cena 2, descrita a seguir.

#### Quadro 2 - Pepapig

**Cena 2** - Uma criança chega à escola com uma bolsa com a imagem do Jorge do desenho da Pepapig. Outra criança, ao ver a bolsa do colega, fala que a bolsa era da Pepa e rapidamente o menino respondeu: “não é da Pepaé do Jorge, pois, sou menino e Pepaé coisa de menina”.

Durante nossas observações, percebemos que cenas como essas acontecem cotidianamente e que nós educadores/as reforçamos a separação e diferenciação nas brincadeiras, nos brinquedos, no comportamento de meninos e meninas, de modo quase “natural” reproduzimos a separação de gênero, inclusive porque também somos educadas nessa sociedade generificada.

#### Quadro 3 - Ballet

**Cena 3** - Aninha foi matriculada nas aulas de *ballet*, mas não gostava de ir a essas aulas. No mesmo dia das aulas de *ballet* havia aulas de judô e ela deixava de ir para sua aula para assistir as aulas de judô. Certo dia, conversando com a dona da escola que é formada em psicologia, perguntamos se ela que havia observado que Aninha gostava mais de assistir as aulas de judô do que as de *ballet*, e ela disse que sim. Então, sugerimos que ela conversasse com a mãe da estudante a respeito disso, inclusive porque ela estava pagando e a menina não estava

fazendo as aulas. Bem espantada, a dona da escola disse: “Deus me livre!”. Percebemos, naquele momento, que para ela era melhor que a família nem soubesse que sua filha não gostava das aulas de *ballet*.

A cena 3 nos faz perguntar: por que uma menina precisa ser obrigada a fazer uma atividade que não gosta por ser “adequada” às meninas? Por que reproduzimos, na escola, a divisão dos papéis e espaços sociais atribuídos a homens e mulheres? Em geral, desde que uma pessoa ou um casal descobre que está esperando um/a filho/a, logo se vem a pergunta: “é menino ou menina?”. E, desde então, se as famílias possuírem condições financeiras, em geral, já começam os preparativos para o enxoval e a decoração do quarto, na cor azul ou rosa, marcando os lugares de homens e de mulheres no mundo desde a primeira infância. Assim, perguntamos: Por que separamos o mundo em “cores de meninos” e “cores de meninas”? Por que meninas não podem brincar de carrinhos ou de bola? Por que os meninos não são incentivados a fazer os trabalhos domésticos? E quem diz que não podem? Para Cláudia Viana e Daniele Finco (2009, p.268):

[...] a perspectiva sociocultural permite centramos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, um processo social e culturalmente determinado permeado por forma sutis, muitas vezes não percebidas”. Poderíamos, então, dizer que os comportamentos masculinos e feminino são ensinados por meio de comportamentos e habilidades de meninos e meninas e esses ensinamentos, muitas vezes, se dão de modo muito sutil. As autoras também dizem que “o corpo é alvo das práticas disciplinares.

Se queremos viver em uma sociedade menos desigual no que diz respeito aos tratamentos dados a homens e mulheres, as relações de gênero precisam ser desconstruídas desde a infância. No próximo capítulo, abordaremos a educação infantil em articulação com as questões de gênero.

## Quadro 4 – Creche escola

**Cena 4-** trabalho em uma creche-escola onde a maioria das crianças passam o dia, pela manhã é a recreação, onde elas fazem atividades e interagem com outras crianças, sempre nas sextas feiras elas podem levar brinquedos para a escola, em um desses dias estava no parquinho com o berçário e estava observando as crianças maiores brincarem, algumas meninas estavam brincando de casinha e um dos meninos chegou perto para também brincar, e uma das cuidadoras viu e disse ao menino que ele não podia brincar de boneca, do parquinho eu olhei e comecei a rir, ela olhou pra mim e perguntou do que eu estava rindo, então eu disse a ela que não tinha nada a ver, que ele podia brincar com as meninas, então ela olhou pra mim e disse que não que devíamos ensinar a eles as brincadeiras certas que menino não deve brincar de boneca, essa cuidadora está grávida e ela disse que não vai deixar o filho ou a filha brincar com brincadeiras que não seja do seu sexo.

O relato trazido na Cena 4 nos permite perceber o quanto ainda existe um pensamento ultrapassado que associa que o menino brincar de boneca vai se tornar gay e a menina brincar de carrinho vai se tornar lésbica. Nossas práticas como professoras nos apontam para um longo caminho a percorrer na construção de uma sociedade mais justa e menos desigual em relação às questões de gênero. Situações similares são mencionadas pelas professoras entrevistadas, como mencionado no capítulo a seguir.

No terceiro capítulo iremos apresentar a creche onde foi realizada a entrevista, as perguntas e as respostas das professoras.

#### 4. GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS?

A partir da nossa pesquisa percebemos que muitas coisas continuam do mesmo jeito desde nossas infâncias, em que certas brincadeiras, ditas como brincadeiras de meninos e meninas, continuam sendo reproduzidas e separando meninos e meninas, inclusive por nós, como mães, tias e professoras, por reproduzirmos quase sem perceber a ideia de que as brincadeiras podem influenciar nos modos como meninas e meninos irão se comportar. Contudo, não cabe a nós, como futuras pedagogas, privar a criança de brincar com a brincadeira escolher e escolher a cor que quiser: Nosso papel é o de ensinar às crianças a viver em diversidade, respeitarem as outras pessoas e fazerem livremente as escolhas que quiserem fazer.

Para compreender como o gênero tem sido ensinado às crianças desde muito cedo, entrevistamos as três professoras de uma creche no município de Bayeux. Os resultados de nosso trabalho são descritos a seguir. Para garantir o anonimato, as professoras serão aqui chamadas de Rosa, Margarida e Tulipa.

<p><b>Rosa</b> 36 anos, formada em Pedagogia, casada e mãe de três filhos, trabalha a bastante tempo na área de educação.</p>
<p><b>Margarida</b> 45 anos, formada em Pedagogia, solteira e mãe de duas filhas, sendo que uma das filhas também é professora.</p>
<p><b>Tulipa</b> 33 anos, tem o curso de Magistério (Ensino Médio) e está cursando Pedagogia, casada e não tem filhos.</p>

##### 4.1 Conhecendo a creche estudada

Nossa pesquisa foi realizada em uma creche, localizado no município de Bayeux. A creche é um espaço educacional especializado na oferta de educação infantil. É importante que as crianças recebam a primeira etapa da

educação em espaços especializados nelas, em suas especificidades, recebendo cuidado e educação adequada ao seu desenvolvimento. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), Art. 5º:

[...] a educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, deve ser oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

Nossa entrada no creche, como já foi dito, se deu durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, em março deste ano. Naquele momento, na creche, estavam matriculado 50 estudantes divididos em três turmas: infantil II, infantil III e infantil IV. A creche estudada possui 3 salas de aula, 2 banheiros, 1 cozinha, 1 área de serviço, 1 dispensa, 2 salas e 1 terraço, o público atendido é o da própria comunidade.

De nosso ponto de vista, a creche estudada não estaria dentro do que se esperade um espaço educativo destinado à educação infantil, uma vez que seu espaço é muito pequeno. Consideramos que ele não era um lugar adequado para funcionar uma creche, pois a estrutura é de uma casa, além de ser quente e não ter ventilação, não há um quarto para os berços. Durante o tempo em que estivemos na escola, só havia um berço que era utilizado por uma criança com deficiência, as outras crianças dormiam em colchões na própria sala de aula. Em relato informal, a própria diretora nos disse que não sabe como a antiga administração da cidade deixou que a creche permanecesse naquele local e que a atual administração viu que ali não tem nenhuma condição da creche permanecer. Em termos de higiene o espaço da creche era considerada limpo, existindo uma pessoa encarregada pela limpeza.

A alimentação dispensada às crianças foi considerada saudável. A diretora nos disse que sempre dão prioridades aos alimentos saudáveis. Na

creche visitado não havia cardápio, no segundo dia de observação pudemos ver que o lanche da manhã era composto por frutas.

A creche realizava reuniões semanais de planejamento, o que compreendemos como muito positivo, pois oportuniza a construção de um trabalho coletivo pela equipe pedagógica e as professoras. Na creche existe um projeto político-pedagógico (PPP), mas a atual diretora não soube informar como foi construído. Segundo o PPP e a conversa com a diretora, a avaliação da aprendizagem é contínua, na qual cada criança é avaliada individualmente, todos os dias, pelas atividades que foram realizadas. Nos dias de observação, não vimos brinquedos acessíveis nem fora nem dentro da sala de aula, apenas vimos as crianças assistindo televisão. Não existiam brinquedos grandes, como escorregador, o que acreditamos acontecer pois não existia espaço. As reuniões com as professoras são semanais e com as famílias são mensais.

Das três professoras entrevistadas, duas delas já são formadas em pedagogia e a outra está cursando Pedagogia. A creche possui três monitoras uma em cada sala, os/as 50 estudantes matriculados durante a realização de nossa pesquisa, estavam assim distribuídos: 17 alunos/as no Infantil III, 18 alunos/as no infantil III e 15 no infantil IV. As professoras trabalham das 7 às 12 horas em sala de aula, depois desse horário as crianças ficam com as monitoras. A forma de ingresso das professoras na escola ocorre, na maioria das vezes, por indicação, ou seja, são as conhecidas prestadoras de serviço. A formação continuada é ofertada pela própria prefeitura.

Nos dias de observação, pudemos perceber que as crianças não são separadas por sexo. Na hora do banho, as crianças iam uma por uma, porque só existia um banheiro, mas as professoras disseram achar melhor levar uma por uma. As crianças são levadas aleatoriamente ao banho. Na hora das brincadeiras, os brinquedos são os mesmos para todas as crianças, não há a separação de “brinquedos de meninos e brinquedos de meninas”.

Ali, tanto menino brinca com menino, menino brinca com menina e vice e versa.

No primeiro dia de observação, entramos em uma sala em que as meninas estavam brincando com um computador de brinquedo e o computador era rosa. Percebemos que os meninos também queriam brincar com ele e então uma das meninas olhou para nós e disse: “tia, ele não pode brincar porque o computador é rosa”. Nesse momento, dissemos a ela que eles também poderiam brincar, se quisessem, pois não tem essa coisa de brinquedo de menino ser azul e o de menina ser rosa. Ali pudemos perceber que até as crianças têm esse pensamento que azul é cor de menino e rosa é cor de menina, reproduzindo os tradicionais lugares atribuídos a homens e mulheres. As crianças são ensinadas desde muito cedo que há espaços, coisas, cores, objetos destinados a meninos e meninas, homens e mulheres, como dizem autoras como Xavier Filha (2012) e Jane Felipe (2012).

Por possuir um espaço pequeno durante a pesquisa, não nos foi possível observar a divisão de meninos e meninas, por exemplo, em brincadeiras nas áreas externas. Outra coisa que nos chamou atenção foi que as salas eram decoradas com cores “neutras”, há salas de diversas cores, sem marcar as cores tradicionalmente associadas a meninos e meninas.

#### **4.2 O que pensam as professoras da creche estudado sobre gênero na educação infantil?**

Nesta parte do trabalho apresentamos os resultados de nossa pesquisa, isto é, o que pensam as professoras da creche estudado sobre as questões de gênero. As falas das professoras foram transcritas e são aqui apresentadas a partir das respostas que elas deram às questões que foram feitas durante as entrevistas, conforme descrito ao longo desta parte do texto.

Na primeira pergunta trazemos o questionamento, se elas diferenciam meninas de meninos.

#### 4.2.1 Há diferenças entre os meninos e as meninas no creche?

*“Eu acho que em relação a aprendizagem não, cada um tem seu conhecimento são diferentes porém a aprendizagem deles tanto meninos e meninas são significativos, por que assim, meninos prestam a atenção tanto quanto as meninas, agora muitas vezes em relação ao comportamento deixam a desejar, entendeu, se a criança for desobediente não presta atenção isso dificulta em relação a aprendizagem” - Rosa*

*“Se meninos e meninas são diferentes, eu creio que não. Eu acho assim, que as meninas têm mais facilidade, assim, prestam mais atenção do que os meninos, principalmente na minha turma né, as meninas prestam mais atenção, são mais atentas. Hoje mesmo eu fiz uma dinâmica, separei as meninas dos meninos, aí eu tava dando numeral, eu disse assim: “vamos ver quem ganha se são os meninos ou as meninas”, eu perguntava um numeral pro menino e mandava ele ir para a parede apontar, uns acertaram e outros não. As meninas, ao contrário, as que eu perguntava elas iam lá em cima é acertavam né. Então as meninas na minha sala, elas prestam mais atenção...tem algumas que brincam, mais parece que elas ficam atentas, elas aprendem, escutam, porque têm uma que ela não fica sentada, mais ela aprende andando... tem uma que é assim inteligentíssima mais eu não consigo segurar ela e eu deixo ela a vontade por que não adianta, enquanto eu tô, ela quer ser a primeira o que eu pergunto ela quer responder antes dos meninos, se eu colocar uma coisa no quadro, ela se levanta vai lá e primeiro, ela quer responder primeiro do que todo mundo. Eu pergunto a outra pessoa mas ela toma a frente. Já os meninos não, eles não querem, entre aspas, assim querem ficar brincando, não prestam atenção, então, assim, eu acho que a interação das meninas são mais assim né, mais atentas, tem uma ou duas que tem 3 anos já estão fazendo até o nove, na minha turma eu tenho 9 meninas e 7 meninos- Margarida.*

*“Não, porque as vezes pela idade eles podem apresentar um aprendizado diferente, a professora tem que saber em que nível eles tem que aprender, porque cada um acompanha o aprendizado de forma diferente, ele tem uma prática de ensino, então, é muito difícil principalmente nas fases iniciais do nível infantil. As meninas as vezes elas se interessam mais do que os meninos, mas também percebo que são momentos, há momentos que os meninos estão mais atentos do que as meninas e vice-versa” - Tulipa.*

As três professoras dizem que não há diferenças entre meninos e meninas, mas, é possível perceber que, nas suas respostas, indicam que as crianças se comportam de forma diferente de acordo com seu sexo. Para nós, isso ocorre porque as crianças são ensinadas, desde muito pequenas a se comportar de acordo com o seu sexo. Além disso, as professoras, assim como muitos/as de nós adultos/as, espera que as meninas sejam mais comportadas e os meninos mais agitados. Reproduzimos o que aprendemos sobre gênero, nós e as crianças.

Na segunda, perguntamos se elas ensinam meninos e meninas de forma diferente.

#### **4.2.2 Meninos e meninas são ensinados de formas diferentes? Por que?**

*“Não, em termo de cuidar e ensinar não, a gente trabalha de acordo com a dificuldade de cada criança, entendeu, se a criança tem dificuldade, exemplo, eu sou do infantil IV, se a criança tem dificuldade na letra F, eu trabalho com ela de maneira diferente que ela venha a aprender e não de maneira discriminatória, nada de discriminação” -Rosa.*

*“Não, cuidar não, mas em termo de ensinar só quando existe alguma dificuldade”- Margarida*

*“Não” - Tulipa*

Percebemos que as falas das três professoras são muito parecidas, nelas é como se não existissem diferenças nos cuidados e na educação ofertados a meninos e meninas. As diferenças seriam apenas em relação à aprendizagem das crianças. Contudo, as autoras estudadas apontam que as

escolas reproduzem as diferenças dos papéis sociais atribuídos a meninos e meninas, homens e mulheres.

#### **4.2.3 Como você reage quando você vê meninos brincando de boneca e meninas brincando de carrinho? Por quê?**

*“Em relação a isso eu trabalho muito assim, até por causa dos pais, porque eles me cobram em relação a isso, eu mostro que bonecas entre aspas é para meninas e carrinhos para meninos, mas não discriminando mostrando que se eles quiserem brincar de boneca podem ficar à vontade, mas eu trabalho muito em cima, por que os pais me cobram né? [As famílias perguntam:] Rosa por que você deixou ele brincar de boneca? Porque não é nem tanto por mim, em relação eu não tenho discriminação nenhuma, né, por que eu acho que cada um é, a gente tem que respeitar o gênero de cada um né? Mas isso é por que os pais me cobram, eles ficam questionando quando eles vão pra casa” -Rosa*

*“Assim, eu terminei minha faculdade ainda agora né, e essa semana passada teve até uma professora que estava falando, discutindo, debatendo com a gente, então ela disse que a menina brincando de carrinho não é a questão que ela vai crescer e ter, então eu deixo... As meninas as vezes dizem: ‘professora me dá um carrinho’, eu deixo pra elas brincarem, mas as vezes eu faço só conversar com elas... E tem menino mesmo na minha sala que gosta de brincar de boneca, até mesmo uma vez a menina tava botando batom e ele queria colocar batom, aí eu disse assim: na tua casa (eu conversando) quem é que coloca batom na tua casa é mainha, você já viu papai colocando? Assim eu tento só conversar mostrando, porque ele queria botar batom, vai que também ele vá numa certa idade, eu sei que aí ele não tem noção das coisas, mas ele vá crescendo querendo tá usando batom e as meninas iam botar batom nele e tudo que ele quer ele pede... Assim né, mas eu converso com ele por que na casa dele parece que só tem dois meninos eu não sei se tem menina parece que não tem, até um dia desses ele chegou de chupeta rosa que ele pegou a chupeta não sei de quem, de uma sobrinha, de uma prima e trouxe. Aí ele pegou e colocou dentro da bolsa, porque ele não chupa chupeta aí eu disse de quem é essa chupeta é de fulano, aí essa semana ele chegou de camisa rosa ele disse: “olha tia, minha camisa é rosa”. Não tem nada não, homem pode usar rosa também, conversar e não empata né? E eu não empato, mas eu disse você vê alguém brincando de boneca né, e as meninas gostam de brincar de boneca, aí eu*

*mostro pra ele. Eu acho que é por que ele sente falta por que ele não tem isso em casa só tem outro menino por que ele não tem irmã, talvez por que ele vê aqui e queira, ele não tem irmã, é só com meninos” - Margarida*

*“É assim, agente nota que eles ainda não entendem que carro é mais para menino e boneca é mais para menina, geralmente se ele vê os brinquedos todos juntos, eles acham que podem brincar com todos eles, mas como professora sabe que a educação começa dentro de casa, mas as vezes os pais puxam no pé da gente, dizem professora não deixe minha filha brincar com carro e não deixe meu filho brincar com boneca, então, se eu deixar, vou ser a responsável pela má educação, porque isso foi uma revolução que fizeram ou mandaram. Menino tem que brincar com carro e menina tem que brincar com boneca, então, as vezes deixo, muitas vezes separo a parte de professora e me coloco na posição de ser humano normal como todos nós somos, então, fica difícil bater entre a relação de meninos de meninas e entre as leis e diretrizes escolares, a gente tem que entrar primeiro nas diretrizes escolares e nos PCNs. Ensinar de forma geral, então, para o menino tenho que dar aula assim, carrinho sempre fica para menino e boneca fica para menina, mas quando as crianças vão crescendo e se casarem como será? E se tiverem uma filha ou filho como irão educá-los? Na infância, a gente tem que educar e mostrar que menino só pode brincar com carrinho e menina só pode brincar com boneca, porque a gente vê hoje no Brasil tem essa lei, se o menino for brincar de forma diferente que não seja de carrinho, vai sobrar para a professora, dizem fulano tem comportamento afeminado porque a professora o ensinou a brincar de boneca, tudo sempre sobra para a professora, então, no meu caso, se tivesse um filho ou filha ensinaria que menino tem que brincar de carro e a menina tem que brincar com boneca”- Tulipa*

Notamos que elas enfatizam muito a influência das famílias, que até pensam em deixar meninos e meninas brincarem com os brinquedos que quiserem, mas que se sentem “obrigadas” a seguir o que dizem as famílias. Pais e mães, segundo as professoras entrevistadas, cobram que as crianças obedçam as condutas, que meninos não podem brincar de boneca e meninas não podem brincar de carrinho, elas afirmam que só não deixam brincar por causa dos pais, mas podemos perceber pelas respostas e que não se trata só disso, pelas suas falas, elas acham errado essa “troca de valores”, meninos com bonecas e meninas com carrinhos.

Sabemos que esses lugares atribuídos a meninos e meninas vêm sendo ensinados desde antes do nascimento, quando os pais e mães sabem o sexo da criança já estabelecem a cor menino azul ou verde e menina rosa ou lilás. Quando as crianças vão crescendo essa divisão de cores de menino e cores de menina vão sendo levadas aos brinquedos. Parece que as famílias têm medo de que a cor possa influenciar na definição da sexualidade das crianças. Meninos e meninas ainda não possuem o sexismo da forma como ele está disseminado na cultura construída pelas pessoas adultas, as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo que permanecem na escola, a escola é parte importante nesse processo.

#### 4.2.4 Para você, o que seria gênero?

*“Gênero, eu acho que é a espécie de cada um, entendeu, que cada um traz consigo, isso pra mim é gênero, só” - Rosa*

*“Pra mim, rapaz, é uma coisa assim, porque gênero a gente sabe que gênero é o que identifica menino e menina, mas gênero eu acho que é tudo aquilo que a criança ela vai colocando, eu sei que quando a gente trabalha gênero nessa questão de menino e de menina é identificar o que é menino e o que é menina, mas assim, eu trabalho nesse sentido, porque gênero a gente sabe a palavra gênero principalmente na educação infantil, a gente já fica meio sem saber realmente o que falar né? A gente sabe hoje como se identifica né, de menino e menina... têm até uns livros meus que eu trabalho a questão de gênero né que vem falando trabalhar assim o que tem a ver com gênero, aí vem né identidade das pessoas trabalhar sobre identidade, aí vem o resumo aí trabalho eu sou menino eu sou menina. Mas aí eu já não trabalho mais como eu acabei de dizer, você tem que fazer isso porque você é menino, tem que fazer isso porque você é menina... eu identifico assim: eu peguei as fotos deles eu fiz um trabalho, eu peguei como é a cor dos seus olhos, a parte do seu corpo, também eu identifico de gênero nada específico direito você tem que ser assim, só a parte física” - Margarida*

*“Gênero seria me identificar quando criança, e saber o lugar do menino e da menina, não posso deixar que os dois fizessem papéis inversos, tenho que deixar os dois brincarem porque eles tem que ter interação entre menino e menina, mas não posso deixar muito junto nas brincadeiras, porque tem brincadeira que só combina para menino e outras que só combina para meninas, então, como posso me basear nisso? Tenho que interagir junto com eles, para que eles não misturem uma coisa na outra” - Tulipa*

Sabemos que ao falar a palavra gênero já vem em nossas mentes a relação de meninos e meninas, mas o que realmente significa gênero? Ao fazermos essa pergunta às professoras, pudemos observar que elas ficaram confusas, por não conseguirem entender e explicar de fato o que seria gênero. Isso não se limita a essas professoras, pois o conceito de gênero não é trabalhado de modo suficiente na formação docente, além disso, há muitas polêmicas e confusões em torno do conceito. Essa falta de conhecimento das professoras vem também da falta de disciplinas específicas sobre gênero nos cursos de formação de professores/as. Para Maria Eulina Carvalho e Gloria Rabay (2015, p. 119), “gênero” é um conceito debatido e ressignificado no campo dos estudos feministas e ainda de difícil compreensão em geral”. Ou seja, precisamos muito trabalhar o conceito de gênero nas escolas e com as professoras e professores.

#### **4.2.5 Você já participou de algum processo de formação sobre o tema Gênero? Se sim, qual (quais)?**

*“Não que eu me lembre não, eu tive em psico[disciplina Psicologia da Educação], entendeu, a diversidade só em psico, em pedagogia não, foi só, ela leu um artigo sobre diversidade de cada um que devemos respeitar, o tema é essa é respeitar as diversidades, foi um artigo que ela trouxe pra gente ela leu o artigo sobre diversidade, mas foi uma disciplina não, foi um debate que ela trouxe que era que devemos respeitar”- Rosa*

*“Não, assim de disciplina não, só assim só comenta só assim especificada não, tive na faculdade uma professora que assim só orientação e por que assim eu leio muito toda mudança, essas mudanças principalmente na LDB eu gosto de ler” - Margarida*

*“Não” - Tulipa*

As três entrevistadas afirmaram que não tiveram nenhuma disciplina específica tratando desse tema, escutaram de outra disciplina, mas não aprofundaram o assunto. Um assunto tão importante e pouco visto, pouco estudado, e também as prefeituras não fazem cursos de especialização ou de formação continuada para os professores e professoras de suas redes, preferem ignorar um assunto tão importante. Existe uma deficiência em relação à formação docente no que diz respeito às questões de gênero. Em nosso curso de Pedagogia não temos uma disciplina específica sobre o tema e apenas algumas professoras e professores abordam essas questões.

#### **4.2.6 Durante o curso de Pedagogia, você teve alguma formação sobre gênero, sexualidade, diversidade?**

*“Não”. Rosa*

*“Projeto, não tive projeto, teve uma professora, porque onde eu estudei era por período... eu acho que a gente vai ver só principalmente a criança ela falou um pouquinho por que devido ao seminário, eu não fiquei com a parte de sexualidade, foi dividido no sorteio, cada um ficou com uma parte, não tem uma disciplina específica de gênero e sexualidade da criança não, a faculdade que eu fiz foi particular, aí a gente fala fez um trabalho sobre diversidade, seminário, foi falado só um pouquinho uma disciplina mesmo não que a gente pode se aprofundar no conteúdo não Só uma professor de psicologia que conversou conosco sobre essa parte de sexualidade, que ele explica a sexualidade da criança, como ele se comporta, como ele morde até a parte de ele ir no banheiro pra fazer seu serviço fisiológico, Ele contou sobre um menino quando fica ereto, muitas vezes, se vê e surpreende... foi no seminário uma professora que orientou a gente... Eu fiz um curso e lá se falava do comportamento da criança na sala de aula quando tá os dois juntos que fica ereto né? Aí ela conversou sobre isso como a gente, tinha que trabalhar, ele vai*

*fazer seu trabalho fisiológico, é da idade né? Assim de ficar é normal, aí eu aprendi isso lá, quando eu fiz o curso, aí explicava tudo direitinho, ele dizia que muitas vezes eles fazem em casa, situações assim de casa, que muitas vezes a criança fala por que vê em casa que isso era normal, aí eu disse que ele tinha prazer em morder, mas na faculdade não, isso foi num curso” - Margarida*

“Não” - Tulipa

Observamos nas falas das professoras que há déficit em suas formações no que diz respeito às questões de gênero. Nenhuma delas teve uma disciplina ou participou de projetos que abordassem o tema gênero. Apenas Margarida estudou o tema, mas em um curso rápido em uma escola de formação profissional, mesmo assim, segundo ela, o tema era tratado de forma bem superficial.

#### **4.2.7 Na sua opinião, seria importante abordar esse tema nas escolas?**

*“Sim, mas assim, olhe, esse tema de gênero é muito, assim, como se diz, não é complicado não, é a questão de complicado, é questão de muitas vezes a palavra gênero está relacionado muito a religião, quer queira quer não, porque assim um pai evangélico e um pai não evangélico, vamos dizer assim, um pai evangélico deve seguir de acordo com os princípios bíblicos, a gente deve educar como se deve andar né, desde pequeno ele é menino vai crescer menino, vai casar e assim muitas pessoas em outro termo, eu não falo religião crente, eu falo na religião religiosa, quem segue a Deus, quem teme a Deus, e muitos que tem um filho, por exemplo, homossexual é a gente tem que respeitar e tal, não que a gente não respeite, mas é que assim, trazendo o gênero pra religião ela está meio que conjunto, a gente sabe que a bíblia em si condena né, mas em quanto eu como profissional eu respeito todo tipo de gênero, eu digo isso porque eu já trabalhei em outras escolas maiores e vi que crianças que tem uns ‘tracinhos’, assim ‘trejeitos’ e mesmo assim eu não discriminei, porque a gente tem que respeitar, isso foi a forma que os pais educaram ou seja lá quem for, ou se os pais mostraram alguma coisa a ele, tudo bem...mas eu como profissional tenho que respeitar todo tipo de gênero, eu acho importante claro, com certeza, mas assim como eu disse, tem umas cartilhas aí incentivando a homossexualidade mostrando né, passou até na televisão, mostrando né, beijando na boca de outro menino e tem que respeitar, isso é muito forte, eu acho que na educação infantil tem que mostrar a realidade, entendeu, mostrar a realidade e não*

*incentivar, porque você mostrando uma cartilha já trejeitos de homossexual, de homofobia, não de homofobia não, de homossexual essas coisas assim, mostrando pra uma criança, a criança ela vai no momento vai ficar curiosa, entendeu, agora eu trabalho em cima, mostrar a realidade, olhe existe isso tal, vamos respeitar né as diferenças, tudo bem agora incentivar com cartilhas eu não concordo não” - Rosa*

*“Mas eu creio que seja um bom a gente fazer né, porque a gente se depara com situações, teve uma criança que passou por uma situação, ele chegou até mim e disse bem explicadinha: “tia, eu fui bem caladinha a noite no quarto de mainha e papai, os dois estavam em cima da cama e papai estava tirando roupa de mainha”.Aí eu disse, como foi você dorme com papai, você dorme com eles na cama? “Não, eu durmo no sofá, mas de noite eu faço que estou dormindo levanto e fui lá e vi”, então é dela mesmo e ela disse que se levantou, agora ela tem muito medo de sair e fechar a porta ela não fica sozinha em quarto nenhum, porque é eu não sei, ela não fica sozinha eu percebo quando a gente bota os meninos pra dormir ela não fica dentro da sala sozinha, se sair da sala ela chora como se estivesse alguma coisa, com medo eu não sei, não sei se é algum trauma eu não sei mais é alguma coisa, mas ela não fica no quarto eu conversei com a mãe a respeito disso, a mãe disse e é mais foi, a gente não viu não mais também por causa da situação, por que também essa menina é uma pessoa que não tem instrução é uma pessoa que mora naquela lugar é uma pessoa carente, e então fica muito difícil, por que a gente ver de tudo mas eu me deparo com situações nesse sentido, orientações né ter obra especifica orientação que como a gente tratar” - Margarida*

*“Seria, porque isso é um termo que além dele ser um assunto polêmico, também poderia ser universal e seria importante que as todas as escolas abordassem esse tema, como conteúdo e através disso os pais poderiam se inteirar do assunto e daí não seria responsabilidade apenas do professor em sala de aula, porque eles também estariam informados sobre esse assunto e poderia se envolver com os conteúdos sobre esse tema, sendo assim a responsabilidade não seria apenas do professor, da instituição, para as creches e para as escolas”- Tulipa*

As três professoras afirmaram que seria muito importante tratar desse assunto nas escolas, pois poderia abrir a mente de muitos professores/as e familiares que ainda têm um pensamento ultrapassado, em que se meninos brincarem de bonecas ou até mesmo brincar com meninas, mas só pelo fato

de estar brincando com uma menina vai deixá-lo “afeminado” e vice-versa. Percebemos, na fala das professoras entrevistadas, que há dúvidas no que compreendem por gênero, confundindo com o conceito de sexualidade. Precisamos estudar gênero, entre outras coisas, para mudar pensamentos machistas e conservadores e construirmos uma sociedade mais justa.

#### **4.2.8 Você já presenciou alguma situação relativa às questões de gênero em que precisou intervir?**

*“Em relação ao menino que queria dar um beijo na boca da outra criança, ele queria dar um beijo da outra criança eu conversei com ele, olhe não pode porque você é muito pequeno ainda, você é muito pequeno e você não pode beijar na boca agora, só quando você estiver maiorzinho você pode namorar, entendeu, você sabe que sua mãe não gosta, aí a gente conversou com os pais direitinho e foi tudo resolvido”.*

*(Leila) Em relação as brincadeiras você separa?*

*Isso como eu disse a você os pais me cobram, Rosa não deixa brincar, entendeu, eles que ficam em cima de mim.*

*(Michele) Mas você é mãe, tem um menino e uma menina e você deixaria?*

*Não brincar com meninos não, até porque não, desde o começo não discrimino, entendeu, mas porque as brincadeiras dos meninos são muito pesadas.*

*(Michele) A sua menina, você deixaria brincar de carrinho e seu menino brincar de boneca?*

*Não, por isso que eu disse em relação a minha pessoa não, porque são meus filhos eu posso educar do jeito que eu quero, entendeu, são meus filhos então meus filhos eu posso limitar o que eles podem fazer ou não, entendeu”. Rosa*

*“Não eu deixo brincar naturalmente, eu só faço conversar eu deixo eles brincarem, muitas vezes as meninas brincam de carrinho, quer brincar de bola, às vezes os meninos pegam na boneca, eu deixo brincar aí as meninas ficam querendo brincar perto dele, eu deixo só fico conversando, perguntando, raramente na minha sala eles não gostam não, só tem uma criança que gosta, o restante são mais tem*

*alguns que ficam o tia ele tá brincando de boneca ele não pode brincar não, aconteceu, ele não pode brincar não, por que não pode, por que boneca é só de menina, é aí vem de casa, mais pode tem nada não, você não tem irmã não, não brinca com a sua irmã né, até eu citei você não tem irmã não, brinca, vou ganhar uma irmãzinha quando ela nascer você vai brincar com ela”- Rosa*

(Leila) *Você acha normal ver criança brincando (menino com menina), como é que você vê isso?*

*Não, na minha sala eu vejo isso, mas eu tento conversar, eu não acho normal, porque o mundo como tá entendendo, essa mudança de gênero assim escolhe, porque agora cada um escolhe, as brincadeiras não influenciam não, mas independente, têm crianças que já tem, tá entendendo, mas não são todos” - Margarida*

*“Tem coisas se agente for intervir vira preconceito, porque no caso da bola hoje geralmente é um esporte, tanto para menino quanto para menina, então, se eu for interferir estarei com preconceito, para o menino fica difícil deixá-lo brincar com boneca, mas, a menina pode brincar com carro, porque a mulher pode comprar um carro e dirigir, mas, o menino vai fazer o que com uma boneca na mão? A não ser que ele brinque assim, essa é a minha sobrinha, filha ou prima, mas, geralmente os pais mesmo não querem que a gente deixem seus filhos brincarem de boneca. Se não fosse os pais eu deixava a brincadeira até certo limite, porque não vai fazer com que isso defina seu gênero jamais, nem a menina vai mudar seu comportamento. Às vezes são os pais que não dão liberdade de ensino para o professor, então, fica difícil para o professor, pois, as vezes o professor que dá sua educação mais os pais não deixa”- Tulipa*

Nas falas das professoras podemos observar que não se trata apenas de uma questão das famílias interferirem na formação educativa das crianças, mas também ao que as professoras pensam sobre a educação de crianças em relação às questões de gênero. Elas foram educadas dessa forma e, por essa razão, continuam reproduzindo nos seus lares e espaços educativos. Moreno (1999) afirma que a escola tem uma dupla função: a formação intelectual e social dos indivíduos, de acordo com os modelos

culturais aceitos. Mas, no que diz respeito às questões de gênero, as famílias esperam que as escolas ensinem sobre os papéis marcadamente de meninos e de meninas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traz como tema relações de gênero na educação infantil: o que pensam as professoras de uma creche do município de Bayeux/PB, fundamentou-se a partir das entrevistas que fizemos na escola estudada. Nosso interesse veio através de indagações que nos fizemos a partir da separação que há nas brincadeiras entre meninos e meninas e também pelas nossas experiências de infância.

Queríamos saber como as professoras da creche em que estagiamos tratavamos questões de gênero, se havia separação de meninos e meninas brincadeiras, se as crianças eram tratadas de modo diferente de acordo com o seu sexo. Sabemos que muitas dúvidas surgem durante o processo de aprendizagem e as crianças buscam respostas de quem está mais perto delas, pais/mães e professores/as. Acreditamos que a escola é um lugar fundamental para a desconstrução de estereótipos de gênero.

Pudemos observar que as professoras entrevistadas, assim como muitas de nós, não passaram por formações sobre as questões de gênero, dificultando suas práticas pedagógicas nessa direção. Pudemos observar também, através das entrevistas realizadas, que as professoras, muitas vezes, têm atitudes sexistas e machistas, fazendo a separação de meninos e meninas e às vezes sem perceber elas acabam fazendo essa separação, por brincadeiras, cores das roupas etc.

Compreendemos que mesmo sendo um tema bem abordado atualmente, gênero ainda é visto com preconceito, discriminação, exclusão e segregação. É importante que nós, educadoras e educadores, compreendamos a importância de contribuir para uma sociedade menos desigual, o que só será possível com igualdade entre homens e mulheres, meninos e meninas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Congresso Nacional, 1990.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: Mec, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CARVALHO, M.E. P & RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. Estudos Feministas, Florianópolis, 23(1): 312, janeiro-abril/2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v23n1/0104-026X-ref-23-01-00119.pdf>.

FELIPE, Jane. Sexualidade na infância: dilemas da formação docente. In: XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidades, gênero e diferença na educação das infâncias. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

FINCO, Daniela, Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil, 2003.

**Gil**, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de **pesquisa social** / Antônio Carlos **Gil**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. .... 15.7 Análise **qualitativa**, 175. 15.8 Interpretação ...

GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim, 1994- Metodologia do Trabalho Científico/Antonio Joaquim Severino, - 23. Ed, rev. e atual, - São Paulo: Cortez, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para as sexualidades, a igualdade de gênero e as diversidades/diferenças na educação das infâncias - questões a problematizar. In: XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidades, gênero e diferença na educação das infâncias. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

## **APENDICE**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara professora,

Esta pesquisa intitulada *Relações de Gênero na Educação infantil: o que pensam as professoras de um CREI do município de Bayeux/PB?*, desenvolvida por **Leila Silva Bezerra e Michele da Silva Araújo**, alunas concluintes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, semestre 2017.1, sob a orientação da Profa. Dra. Jeane Félix da Silva. A pesquisa tem os seguintes objetivos: a) analisar como as professoras de um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), do município de Bayeux/PB, lidam com as questões de gênero junto a seus alunos e alunas; b) observar como estão sendo trabalhadas as questões de gênero nas salas de aulas dessas professoras.

Solicitamos sua colaboração para participar de uma entrevista para coleta de dados, bem como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, que você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Diante do exposto, eu, \_\_\_\_\_, portador do RG \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e respectivas publicações dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**Roteiro das entrevistas**

1. O que pensam as professoras da creche sobre gênero na educação infantil?
2. Há diferenças entre os meninos e as meninas na creche?
3. Meninos e meninas são ensinados de formas diferentes? Por quê?
4. Como você reage quando você vê meninos brincando de bonecas e meninas brincando de carrinhos? Por quê?
5. Para você, o que seria gênero?
6. Você já participou de algum processo de formação sobre o tema gênero? Se sim, qual (quais)?
7. Durante o curso de Pedagogia, você teve alguma formação sobre gênero, sexualidade, diversidade? Na sua opinião, seria importante abordar esse tema nas escolas?
8. Você já presenciou alguma situação relativa às questões de gênero em que precisou intervir?